

**O HOMEM E A GALINHA, DE RUTH ROCHA,
NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA DO TEXTO**

Vanilda Salton Köche¹
Cinara Ferreira Pavani²

RESUMO

Este artigo faz a análise da narrativa *O homem e a galinha*, de Ruth Rocha, a partir dos fundamentos da teoria semiótica do texto, com base nos estudos de Greimas (1975). A construção do sentido de um texto ocorre em três etapas: a do nível fundamental; a do nível narrativo e a do nível do discurso das estruturas narrativas.

Palavras-chave: Semiótica; Greimas; *O homem e a galinha*.

ABSTRACT

This article analyses the narrative *O homem e a galinha* written by Ruth Rocha through the basis of semiotic theory based on Greimas studies (1975). The construction of meaning in a text occurs in three stages: basic level, narrative level and speech level of narrative structures.

Key-words: Semiotic; Greimas; *O homem e a galinha*.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem (UFRGS), professora de Língua Portuguesa da Universidade de Caxias do Sul – CARVI – E-mail: vkoche@hotmail.com

² Mestre em Teoria da Literatura (PUCRS), doutoranda em Literatura Comparada (UFRGS), professora de Língua Portuguesa da Universidade de Caxias do Sul – CARVI. E-mail: cfpavani@ucs.tche.com.br

INTRODUÇÃO

A construção do sentido de um texto, na teoria semiótica, é concebida no seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo que, no conceito de Greimas (1975), ocorre em três etapas. A primeira etapa do percurso, a mais abstrata, é chamada nível fundamental. Nesse nível, surge a significação como uma oposição semântica mínima. Na segunda etapa, a do nível narrativo, organiza-se a narrativa do ponto de vista do sujeito, chamada gramática narrativa, em que o actante³ vai revestir as ideologias. O terceiro nível é o do discurso das estruturas narrativas, assumido pelo sujeito da enunciação, denominado gramática discursiva. Nesse nível, o actante aparece transformado em ator⁴, em um espaço e em um tempo determinados.

Este artigo pretende fazer a análise da narrativa *O homem e a galinha*, de Ruth Rocha, a partir dos fundamentos da teoria semiótica do texto, alicerçada nos conceitos de Greimas (1975). Esse estudo é relevante, uma vez que a perspectiva semiótica dá conta dos vários níveis de leitura de um texto.

1 O TEXTO

O homem e a galinha

(Ruth Rocha)

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

- Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

- Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão-de-ló, dava até sorvete.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

³ O actante é a classe de atores encarregados de executar certos papéis (rôles) em um processo narrativo. É o termo resultante da relação transitiva, de junção ou de transformação.

⁴ O ator, segundo Edward Lopes, "é o lugar lexicômico através do qual se atualiza um actante no nível da manifestação discursiva" (1978, p. 16). O ator desempenha papéis actanciais da narrativa e papéis temáticos no discurso.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão-de-ló... Muito menos sorvete!

Então a mulher falou:

- É, mas esta é diferente. Ela botava ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

- Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! - o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo para a galinha.

E a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! - o marido respondeu.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias, a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!

- E se ela não botar mais ovos de ouro? - a mulher perguntou.

- Bota sim! - o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

2 ANÁLISE DOS NÍVEIS DO DISCURSO

Nesta parte, faremos a análise dos níveis do discurso no texto *O homem e a galinha*.

2.1 Sintaxe narrativa

A sintaxe narrativa aparece como o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso descrever o espetáculo, determinando os seus participantes e o papel que representam na história simulada. Partindo dessa visão, segundo Barros, a semiótica propõe uma narrativa como mudanças de estado, operado pelo fazer do transformador de um sujeito agindo *no* e *sobre* o mundo em busca de valores investidos nos objetos; e uma narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, decorrendo a comunicação e os conflitos entre os sujeitos e a circulação dos objetos (1990, p.16). Logo, as estruturas narrativas representam quer a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido, quer a dos contratos e conflitos que envolvem os relacionamentos humanos.

2.1.1 Enunciado elementar

O enunciado elementar da sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação transitiva entre dois actantes, o sujeito e o objeto. A relação define os actantes. Na relação transitiva, o sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto. Há duas relações ou funções transitivas: a junção e a transformação, e duas formas de enunciados que estabelecem a distinção entre estado e transformação:

enunciado de estado: F junção (S,O)

enunciado de fazer: F transformação (S,O)

F = função S = sujeito O = objeto

No texto *O homem e a galinha*, destacam-se dois enunciados: de estado e de fazer. No enunciado de estado, o sujeito galinha mantém relação de junção com o seu meio. Põe os ovos de ouro e recebe recompensa em forma de comida. No enunciado de fazer, o sujeito homem (auxiliado pelo sujeito mulher) transforma a relação de junção da galinha com os alimentos que recebia. Há uma mudança de estado: *Ela que cate o que comer*.

A junção é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto. Há dois tipos de junção, a conjunção e a disjunção:

Enunciado de estado conjuntivo: S \cap O

Onde:

S (galinha) \cap O (pão-de-ló, sorvete, mingau, milho, farelo)

Enunciado de estado disjuntivo: S \cup O

Onde:

S (galinha) \cup O (pão-de-ló, sorvete, mingau, milho, farelo)

2.1.2 Programa narrativo

O programa narrativo (PN) integra estados e transformações; um enunciado do fazer que rege um enunciado de estado.

PN = F[(S1 \rightarrow S2 \cap Ov)]

F - função

\rightarrow - transformação

S1 - sujeito do fazer

S2 - sujeito do estado

\cap - conjunção

Ov - objeto de valor

O homem e a galinha

PN1 = O sujeito do fazer é o dono da galinha, o sujeito de estado é a galinha que fica sem o alimento.

F (alimento) [(S1 (dono) \rightarrow S2 (galinha) \cap Ov (pão-de-ló, mingau, sorvete, farelo, milho)]

PN2 = O homem tira da galinha os objetos de valor (pão-de-ló, sorvete, mingau, farelo, milho). O sujeito do fazer é o homem, o sujeito de estado é a galinha

F (tira o alimento) [S1 (dono) \rightarrow S2 (galinha) \cup Ov (pão-de-ló, sorvete, mingau, milho, farelo)

PN3 = a galinha foge e, com isso, adquire a liberdade, a não exploração. O sujeito do fazer é a galinha; a transformação é a fuga; o sujeito de estado também é a galinha, libertando-se da opressão.

F (fuga) [S1 (galinha) \rightarrow S2 (galinha) \cap (liberdade)]

Os programas PN1 e PN3 são programas de aquisição do objeto de valor. O PN2 é um programa de privação, pois termina em disjunção. Em PN1 ela recebe comida e em PN3 ela deixa de ser explorada pelo dono; e no PN2 a galinha é privada de alimento.

Os programas podem ser simples ou complexos. Nesse texto, o programa é simples. Os valores são modais e descritivos. Os modais configuram-se como o dever, o querer, o poder e o saber, que modalizam ou modificam a relação do

sujeito com os valores e os fazeres. Na narrativa, o homem, auxiliado pela mulher, leva a galinha a dever-fazer (valor modal), isto é, produzir ovos de ouro, adquirindo assim uma recompensa em forma de valores descritivos (= alimentos).

Os dois sujeitos, o do fazer S1 e o do estado S2, podem ser assumidos por um único ator ou atores diferentes. O PN1 e o PN2 têm atores diferentes para os dois sujeitos. São programas transitivos: no PN1 e no PN2, o sujeito do fazer é o dono, e o de estado a galinha; e no PN3 é reflexivo, em que o sujeito do fazer (S1) e do estado (S2) são realizados pelo mesmo ator, a galinha.

Dentro do programa narrativo, podemos definir dois tipos fundamentais de programas: a competência, que é uma doação de valores modais, e a performance, que é a representação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados.

Programa narrativo:

F (S1 (homem) → S2 (galinha) ∩ Ov (ovos de ouro) ⇒
(performance) (S1 (galinha) → S2 (galinha) ∩ Ov (liberdade)

2.2 Sintaxe discursiva

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, mais próximo da manifestação textual. As estruturas narrativas transformam-se em estruturas discursivas, assumidas pelo sujeito da enunciação. Os actantes transformam-se em atores: homem, mulher, galinha; num espaço e num tempo:

eu – aqui – agora = enunciador;

ele – lá – então = sujeito enunciado

Funda o mundo de que o discurso vai falar:

Era um vez um homem que tinha uma galinha.

Era → ser → contínuo → imperfeito (antes – depois)

.....

Foi embora e não voltou mais.

Foi → ser → contínuo → perfeito (antes – depois)

Assim, no texto, o narrador-observador desenvolve a narrativa em terceira pessoa, situando-a num tempo passado e num espaço caracterizado como uma casa e um quintal.

2.2.1 Figurativização

Segundo Barros, figurativização é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais concretos (que remetem ao natural) recobrem os percursos temáticos abstratos (1990, p. 87). O texto *O homem e a galinha* deixa

transparecer o tema da liberdade. A galinha é explorada pelo homem, cujo final adquire seu objeto de valor em forma de liberdade:

*Um dia a galinha encontrou o portão aberto
Foi embora e não voltou mais.*

A partir da noção de figurativização, pode-se fazer a leitura de outros temas no texto: a dominação do animal pelo homem; a dominação do homem sobre a mulher e a exploração do empregado pelo patrão.

2.2.2 Percurso narrativo no nível da manifestação discursiva

O percurso narrativo no nível de manifestação discursiva é uma sequência de programas narrativos de tipos diferentes, de competência e de performance, relacionados por pressuposição simples. No percurso narrativo, encontramos uma sequência de programas narrativos de tipos de manipulação, de competência, de performance e sanção.

No texto, *O homem e a galinha*:

- **manipulação**: é um fazer-fazer. S1 induz S2 a fazer alguma coisa.

A galinha é manipulada. Produz ovos de ouro e, assim, recebe pão-de-ló, sorvete, mingau, milho e farelo:

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão-de-ló, dava até sorvete.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

Aí a mulher começou a dar milho para a galinha.

- **competência**: o sujeito do fazer adquire um saber e um poder. A galinha produz ovos de ouro: *Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.*

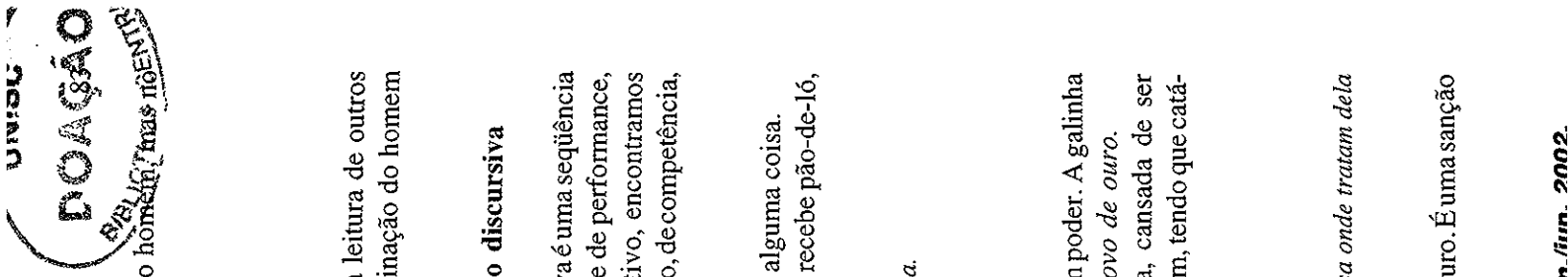
- **performance**: o sujeito executa a ação. A galinha, cansada de ser explorada, pois seu alimento foi gradativamente tirado e, no fim, tendo que catá-lo sozinha no quintal, vai embora:

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

- **sanção**: o homem fica sem a galinha e sem os ovos de ouro. É uma sanção disfórica: *Foi embora e não voltou mais.*

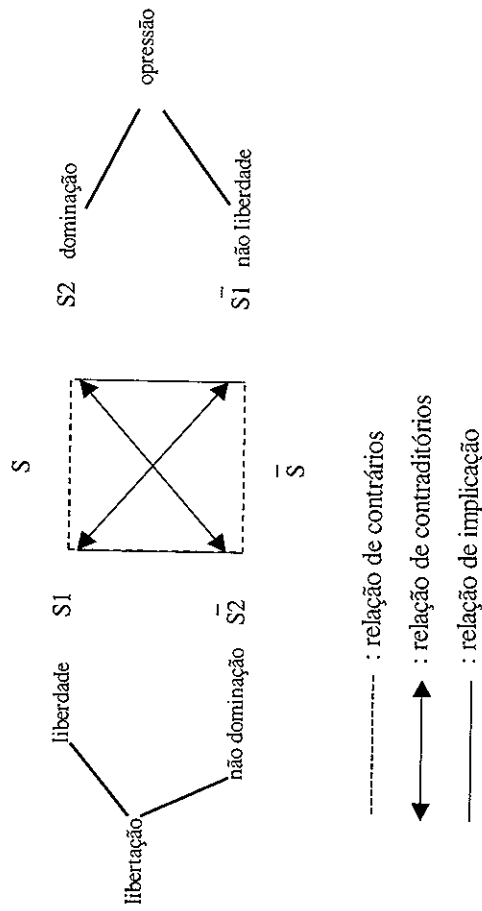


2.3 Análise das estruturas fundamentais

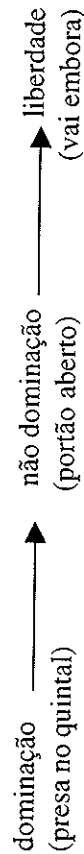
As estruturas fundamentais são o ponto de partida do percurso de geração de um texto, e determina-se nele o mínimo de sentido, a partir do que o discurso constrói (BARROS, 1990, p.86). Explica-se aqui o modo de existência da significação como uma estrutura elementar, em que a sede de relações se reduz a uma só.

Greimas, adotando o ponto de vista de Saussure, diz que a língua é feita de oposições, e é através dessas oposições que o mundo se organiza em formas a nossa frente. Segundo o autor, se a significação **S** (o universo como significante na sua totalidade, ou um sistema semiótico qualquer) aparece, no nível de sua primeira apreensão, como um eixo semântico, ela se opõe a **S**, tomado como ausência absoluta de sentido, e como contraditório do termo **S** (GREIMAS, 1975, p. 126).

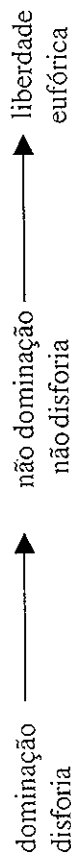
Para tornar-se operatória, a estrutura elementar é representada por um modelo lógico, o quadrado semiótico. A figura a seguir está preenchida, semanticamente, com o conteúdo fundamental do texto *O homem e a galinha*:



A representação das estruturas elementares, através do quadrado semiótico, possibilita visualizar as relações mínimas que definem o texto. O texto *O homem e a galinha* constrói sua leitura através de oposições: liberdade *versus* dominação, passando da dominação para a liberdade.



Os textos podem ser euforizantes ou disforizantes, conforme caminham para o pólo do conforme ou desconforme, da categoria semântico fundamental. A disforia representa uma relação de desconformidade, e a euforia estabelece a relação de conformidade do ser vivo com os conteúdos representados. Assim, no texto, a dominação do homem é disfórica (negativa) e a liberdade da galinha é eufórica (positiva):



O texto em estudo é eufórico, pois seu processo está orientado para uma liberdade eufórica:

Ela que cate o que comer

.....

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

CONCLUSÃO

O estudo semiótico do texto literário permitiu chegar ao sentido através de uma percurso gerativo. No nível mais abstrato, das estruturas fundamentais, o sentido do texto *O homem e a galinha* aponta para a dominação; a opressão do mais forte sobre o mais fraco: liberdade *versus* dominação, explicitadas no quadrado semiótico.

No nível narrativo, os elementos fundamentais de oposição semânticos representam valores do sujeito, que são adquiridos através de sua ação. A ação do sujeito galinha gera uma transformação: quando vai embora, deixa de ser dominada por outro sujeito, o homem.

A última etapa, a do nível das estruturas, é a gramática discursiva, na qual se estabelece a relação entre enunciação, responsável pela produção, e a comunicação do discurso e o texto-enunciado. No nível discursivo, o sujeito galinha, explorado pelo sujeito homem, adquiriu a liberdade. Assim, o estudo semiótico apontou várias leituras, envolvendo a dominação humana: do homem sobre o animal, do homem sobre a mulher ou do patrão sobre o empregado. A semiótica, portanto, nos faz entender "o que o texto diz, como o diz e para que o diz" (BARROS, 1990, p. 83).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.